

A DOCÊNCIA EM ESCRILEITURAS: CARTOGRAFIA DE UM ESTILO ANIMAL

JOSIMARA WIKBOLDT SCHWANTZ¹; CARLA GONÇALVES RODRIGUES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – josiwikboldt@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – cgrm@ufpel.edu.br

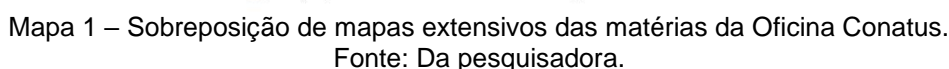
1. INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado percorre caminhos da docência enquanto temática de pesquisa. Para tal, compõe um atlas ao inventariá-la, a partir de esrileituras (CORAZZA, 2011), desde as possibilidades existenciais e pedagógicas. Utiliza-se o referencial teórico-filosófico de Deleuze e Guattari, intercessores artísticos e científicos. Esta proposição justifica-se pela inquietação denotada na produção radiofônica realizada por professores em formação inicial e continuada da Oficina Conatus, em que disparam zonas de indeterminação ao dizerem de acontecimentos de um cotidiano escolar. Também se desbrava o conceito de estilo (DELEUZE, 1997), para acompanhar o movimento, a composição, a variação e a fuga de uma prática educacional. Moveu-se na circunstância de um problema a pensar: Como a constituição de um estilo afeta os modos de ser professor? Num deslocamento cartográfico, mapeou-se em planos extensivos (por meio de matérias e rastros deixados pela Oficina) e intensivos (captura das forças e signos, concebendo a escrita de um bestiário em devir). Considerou-se que a ação de escrever-ler favoreceu o aparecimento de um estilo animal na docência, evidenciando a necessidade de brechas de respiro de um fazer que diminui a força de agir. Para tal, a animalidade, enquanto estado de sensação, não se produz pela perda de nossas formas, mas ensina a viver numa multiplicidade.

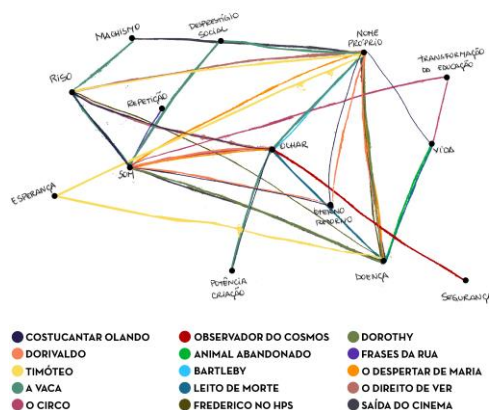
2. METODOLOGIA

Considerando a cartografia como um método de pesquisa que visa acompanhar os processos de produção de subjetividades (PASSOS, KASTRUP, ESCOSSIA, 2012) encontrou-se uma expressão para dizer do acontecimento de uma pesquisa ao criar um atlas. Esse conjunto de mapas desenvolvidos nos campos extensivos (deslocamentos das matérias e rastros das esrileituras radiofônicas) e intensivos (captura da região intensiva do mapa extensivo e criação do bestiário) desenha um percorrido em cinco Oficinas Conatus que foi realizada em diferentes lugares e tempos, direcionados a públicos parecidos, mas um tanto diferentes: professores em formação inicial e continuada.

O mapeamento extensivo das matérias surge desde a busca às atas de reuniões do Núcleo UFPel do Projeto Esrileituras e da dissertação de mestrado de Silva (2014) que tratava, em determinado capítulo, sobre a Oficina Conatus (planejamento e realização). Um dos cadernos de anotações em que registramos a trajetória da pesquisa, também serviu para colher vestígios do movimento criador em uma das edições (2ª edição). Num plano extensivo do papel, reunimos as matérias que utilizamos para a produção das esrileituras radiofônicas. Percorremos cada uma delas, de ponto em ponto, traçando a linha a partir do instante que cada uma ia sendo apresentada na Oficina.

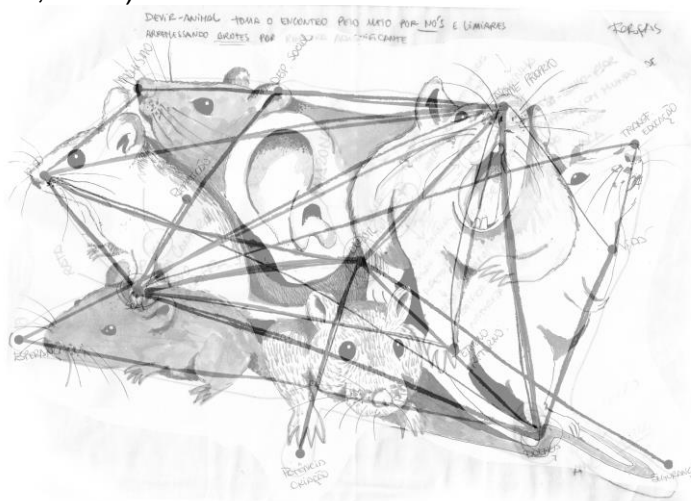


A segunda composição de mapas extensivos surge de passadas vezes de escuta e leitura da transcrição das quinze escrileituras radiofônicas. Capturamos rastros deixados pelos signos emitidos. No plano do papel, dispomos de uma lista de rastros e seus pontos. Isso favoreceu o traçado das linhas, na conexão entre um ponto e outro. Algumas vezes, tais linhas cruzavam um mesmo caminho do mapa anterior. Na sobreposição, realizada com papel transparente, conseguimos transver essas linhas e o percurso que cada uma delas seguiu no decorrer dos efeitos da escuta e da leitura das escrileituras. Pelo mapeamento extensivo, enxergamos aqueles rastros que foram mais recorrentes nesta captura, sendo definidos para o seguimento de trabalho analítico: Nome próprio, Olhar, Som e Doença.



Mapa 2 – Sobreposição de mapas extensivos dos rastros extraídos das escreleituras radiofônicas.
Fonte: Da pesquisadora.

No trabalho com mapas, pelo método da cartografia, se faz necessário a conjugação de um plano intensivo que capture a força emanada dos caminhos entre os pontos de extensão. O bestiário, como um plano de escrita que surgiu em devir, aparece no desenho traçado de uma região nos mapas extensivos. Atuou como suporte de análise e agente de transformação conceitual (SAUVAGNARGUES, 2006) da docência.



Mapa 3 – Sobreposição de mapas intensivos do bestiário - Rata.
Fonte: Da pesquisadora.

Em meio ao bestiário, enquanto cenários fabulados e povoados no limite de uma vida docente e sua animalidade, buscamos expressar um mundo que existe por si, no qual o homem e o animal passam a ser indiscerníveis (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Neste exercício também de escreleituras, pois escrevemos e lemos a partir de matérias (conceitos filosóficos, literaturas, arquivos) que vibraram em nossa caminhada investigativa, consideramos a animalidade, enquanto devir, como manifestação de estilo(s) em relação a pluralidade de efeitos causados, a transgressão da imagem e a mutação de ideias em torno do ser professor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa procurou capturar a potência do estilo animal na docência. A constituição de estilo(s), por meio do exercício de escreleituras, afeta estes modos de ser e atuar na docência no sentido de a tornar mais plural, ao validar outras maneiras de viver que não somente aos moldes de uma racionalidade demasiada humana. Também atinge a docência ao deslocar imagens caracterizadoras do ser professor, transgredindo-as para outros ângulos, de forma a colocar a pensar no que estamos fazendo de nós ao impor à sociedade o resgate de um suposto “status profissional”. Conseguimos transformar nossa categoria e ascender a força de existir, um conatus, a partir de um coletivo. Ao constituir um estilo que problematize o existir docente, bem como a prática pedagógica adotada em determinada circunstância de aulas, a docência é afetada, também, por um estado de mutação. Este estado promove alterações de ideias, pensamentos, atitudes, desde uma sensibilidade na escritura e leitura de elementos disponíveis para atuarem como intercessores. Considerando as poucas condições atualmente oferecidas para conversarem, pensarem, escreverem e lerem nos espaços

escolares, bem como de formação, esta experiência se tornou disparadora para problematizar a docência, através do ato de criação textual em escrituras (CORAZZA, 2011). O que teria esta docência a aprender com o animal? Não somente pelo som, aquele que ensina se torna animal mas, também, por um nome próprio adquirido na despersonalização de um indivíduo em detrimento de uma coletividade; por um olhar à espreita; e pelo ato de resistência a um regime doentio que põe fim ao próprio devir.

4. CONCLUSÕES

No entanto, chegamos à tese de que a condição de existência de um estilo docente animal se determina a partir das formas e das forças com que se exercem a profissão. Quanto mais relações estabelecidas por um professor (entre seres, matérias, objetos, campos de conhecimentos) para ensinar, mais aumentará a capacidade de afeto e potência desta docência. As escrituras apareceram como um empreendimento possível para afetar a circunstância criadora, tanto existencial quanto pedagógica, ao construir estilo(s) que favoreça o aumento da potência na vida profissional. Não se trata de uma solução que conseguirá sanar todos os problemas da formação e da prática docente, mas aposta numa ação mais micro, desde as experimentações realizadas em pesquisa, ensino e extensão. E, juntamente a elas, vimos, ainda, a necessidade de manter a qualidade da educação e a valorização do profissional para que possa reinventar novos estilos, a partir das diferentes maneiras de escrever-ler, pensar, ensinar e aprender em meio à vida. Com a atenção de um inseto, a coragem de uma amazona, o coração de uma urso e a ambição de uma rata, seguimos perseguindo novas perspectivas para nossa profissão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORAZZA, S.M. **Projeto de pesquisa**: Escrituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida. Plano de trabalho. OBS da Educação. Edital 038/2010. CAPES/ INEP. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, setembro de 2011.

DELEUZE, G. Crítica e clínica. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1995. 2v.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. 4v.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SAUVAGNARGUES, A. **Deleuze**: del animal al arte. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

SILVA, C.L.L. **Sobre o mal-estar docente**: constituindo percepções a partir de um grupo de professores da rede pública estadual de ensino do RS. 2014. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Federal de Pelotas.